



“Eu vi a cobra fumar”: da caserna ao teatro de operações na Itália

“I saw the snake smoke”: from the barracks to the theater of operations in Italy

“Vi el humo de la serpiente”: del cuartel al teatro de operaciones en Italia

José Bento Rosa da Silva¹

Recebido em: 20 fev. 2025
Aceito para publicação em: 1.º abr. 2025

Resumo: O artigo aborda a construção de um memorial em homenagem a um ex-combatente na Segunda Guerra Mundial, no bairro Nova Lavras, cidade ao sul de Minas Gerais. A motivação para o memorial foi a descoberta dos familiares, após a morte do ex-combatente, de um acervo manuscrito das memórias dele, as quais foram transcritas a partir da infância, retratando as vivências de descendentes de escravizados e outros “sujeitos comuns”, bem como a participação dele nos combates travados contra o nazifascismo em solo italiano. Além das fontes manuscritas, são utilizadas iconografias do acervo do referido memorial e uma bibliografia sobre a Segunda Guerra Mundial.

Palavras-chave: guerra; memória; manuscritos; iconografias; memorial.

Abstract: This article discusses the construction of a memorial in honor of a World War II veteran from Nova Lavras neighborhood, Lavras, a city in southern Minas

¹ Graduado, mestrado e doutorado em História. Professor aposentado na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), membro permanente do Programa de Pós-Graduação em História da mesma instituição. Professor visitante na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) no Programa de Doutorado Interdisciplinar em Ciências Humanas. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-0185-0766>.

Gerais, Brazil. The memorial was motivated by the discovery by family members, after the veteran's death, of a collection of manuscripts of his memoirs, transcribed from his childhood onwards. These memoirs depict the experiences of descendants of slaves and other common people, as well as his participation in the struggle against Nazism on Italian soil. In addition to the manuscript sources, the memorial uses iconography from the memorial's collection and a bibliography on World War II.

Keywords: war; memory; manuscripts; iconography; memorial.

Resumen: El artículo trata de la construcción de un monumento en honor de un antiguo combatiente de la Segunda Guerra Mundial en el barrio de Nova Lavras, en Lavras, ciudad del sur de Minas Gerais, Brasil. El motivo fue el descubrimiento por parte de sus familiares, tras su muerte, de una colección manuscrita de sus memorias de la infancia en adelante, que retratan las experiencias de descendientes de esclavizados y otras personas corrientes, así como su participación en la lucha contra el nazifascismo en suelo italiano. Además de las fuentes manuscritas, se utilizan iconografías de la colección del memorial y una bibliografía sobre la Segunda Guerra Mundial.

Palabras clave: guerra; memoria; manuscritos; iconografía; memorial.

DO "BAÚ DE MEMÓRIAS" DO CAPITÃO: À GUIA DE INTRODUÇÃO

Em dezembro de 2007, foi sepultado no Cemitério São Miguel, na cidade de Lavras, Minas Gerais, um dos "filhos ilustres" do município, conforme noticiou o jornal *Tribuna de Lavras*. Falecido aos 88 anos de idade, foi um dos primeiros moradores do bairro Nova Lavras – segundo suas anotações, foi seu 14.º morador. Essas informações, feitas de seu próprio punho, foram encontradas em seu "baú de memórias", após sua morte – se bem que os filhos disseram ter ouvido tais narrativas do próprio pai. As fontes privilegiadas utilizadas para construir este artigo foram, portanto, os achados em seu "baú de memórias" e as narrativas de sua esposa e de seus filhos.

O protagonista dessa história, sistematizada pelos registros manuscritos que ele próprio produziu e, como já mencionado, também pelos relatos de seus familiares, chama-se Bento Rezende da Silva, nascido no ano de 1919, filho de Deolindo Modesto da Silva e Maria Eugênia Leocárdio. Antes de sentar praça² no Exército, foi aprendiz de sapateiro, de marceneiro, de ferreiro e de pedreiro, além de ter sido professor na área rural. Fez, como se vê, "de um tudo".

Os manuscritos encontrados em seus arquivos foram organizados por um dos seus 11 filhos e publicados em forma de livro, com base nas memórias rascunhadas em todo tipo de papel, inclusive em folhas pardas utilizadas para embrulhar pães (Silva, 2010). Ouvimos dizer que ele detestava estragar cadernos e folhas que pudessem servir de lugar para registros escritos, pois em sua precária infância não tinha como comprar o material escolar, embora tenha conseguido cursar até o 5.º ano da época – o que lhe possibilitou ser professor primário na área rural. Aliás, no "baú de memórias" já referido, encontramos os diários com os nomes e o aproveitamento dos seus alunos. Esses registros foram elaborados artesanalmente em uma folha de papel pautado, ao que nos parece por ele próprio. Posteriormente, aos 50 anos de idade, resolveu voltar aos bancos escolares: fez o curso supletivo de 1.º e 2.º graus. O supletivo era similar à

² "Sentar praça" é uma expressão que significa alistar-se no Exército.

Educação de Jovens e Adultos (EJA) de hoje: o candidato inscrevia-se, cursava disciplinas isoladas e depois prestava os exames destas. Ele concluiu todas as matérias do antigo ginásio (equivalente ao 1.º grau) e algumas do então científico (equivalente ao 2.º grau). As ciências exatas, matemática, física e química, foram o seu "tendão de Aquiles". Por outro lado, história, geografia e literatura foram, como ele próprio dizia, "café pequeno". Ele foi, sobretudo, um "homem de leitura", conforme o acervo de livros e revistas que se encontram no Memorial Capitão Bento Rezende da Silva, construído pelos seus filhos após sua morte, onde se arquivaram itens da sua cultura material: instrumentos de trabalho, escritos, cartas expedidas e recebidas, condecorações, fardas do Exército, capacetes, quepes, utensílios domésticos e fotografias. Estão incluídos também objetos de higiene pessoal: um estojo de barbear com navalha e uma saboneteira em alumínio. Há ainda uma colher de chá, um presente que recebera de sua madrinha quando tinha 2 anos de idade, entre tantos outros artefatos³.

Este artigo tem como objetivo apresentar um pouco da história desse ex-combatente da Força Expedicionária Brasileira, que participou do enfrentamento ao nazifascismo⁴ há oito décadas e que em nossa opinião, apesar de ter matado a serpente, não matou o "ovo da serpente" (o neonazifascismo), o qual está a nos rondar como um espectro em pleno século XXI⁵.

A ideologia do fascismo ressignificou-se sem, no entanto, "abdicar" de seus princípios e objetivos. Não por acaso, Francisco Carlos Teixeira da Silva falou em "os fascismos", justificando-se:

[...] o fascismo conheceu, após o final da década de 1980, uma vigorosa retomada do interesse, com novas abordagens e novas teorias explicativas [...]. Assim, a historiografia anterior aos 80, de cunho por demais histórico, começou a abrir espaço para análises mais conceituais, onde o fenômeno fascista surge como uma possibilidade da moderna sociedade de massas, e não apenas de um período histórico determinado e já findo da aventura humana (Silva, 2000, p. 113).

Este artigo não tem a pretensão de fazer uma biografia, mas de apresentar alguns aspectos da trajetória de vida de Bento Rezende da Silva, sobretudo com base naqueles que ele selecionou em suas lembranças e registrou em manuscritos e objetos de memória,

³ Uma matéria sobre o Memorial Bento Rezende da Silva foi veiculada na emissora da Universidade Federal de Lavras (TV-UFLA) e pode ser acessada pelo *link* <https://www.facebook.com/portalfeb>.

⁴ Embora o conflito tenha se desenrolado na Europa, a ideologia nazifascista teve uma dimensão internacional. Segundo Edgard Carone (1989), no Brasil ela surgiu em 1922, com a Legião do Cruzeiro do Sul. A versão mais conhecida do fascismo no Brasil foi a Ação Integralista Brasileira, fundada em São Paulo em 1932. O autor destaca embates contra os integralistas entre 1933 e 1935: "[...] De 1933 a 35 sucedem-se combates violentos de comunistas, anarquistas, socialistas, aliancistas, tenentistas democráticos contra os integralistas. Os incidentes de Bauru, Campos e Petrópolis resultaram em mortes; em São Paulo, as passeatas da Av. Paulista (abril de 1937) e na Praça da Sé terminaram em fuga integralista. Em fevereiro de 1934, tendo os camisas-verdes anunciado comício na Praça da Sé, os partidos esquerdistas avisam que pretendem impedi-lo. No dia marcado, com a proteção da polícia, aqueles entram na Praça, crianças e mulheres marchando à frente, os homens atrás. Houve tiroteio e dispersão[...]" (*in* Carone, 1989).

⁵ O "ovo da serpente" é uma expressão referente a situações que, embora pareçam inofensivas no início, podem gerar consequências graves e desastrosas no futuro. É uma metáfora para o prenúncio do mal, o mal em gestação, ou para situações que, olhando-se para trás, revelam indícios de perigo que não foram percebidos ou combatidos a tempo. A expressão ficou popularizada pelo filme de Ingmar Bergman, *O ovo da serpente*.

como, por exemplo, o assento em madeira feito por um ex-escravizado, que remete a um sinistro “provocado” por ele na inocência da infância, conforme veremos mais adiante.

Para relembrar uma frase atribuída ao historiador Peter Burke, sobretudo com base em uma de suas obras: “A função do historiador é lembrar a sociedade daquilo que ela quer esquecer”⁶. Portanto, mais do que celebrar a efeméride dos 80 anos da Segunda Guerra, queremos lembrar – para não esquecermos, para não repetirmos os mesmos erros dos nossos antepassados. O memorial levantado pela esposa, filhos e filhas do capitão Bento Rezende da Silva é, hoje, segundo uma categoria de Pierre Nora⁷, um lugar de memórias.

A seguir apresentamos uma imagem do memorial anteriormente referido, pois concordamos que “a fotografia é um instigante documento visual cujo conteúdo é a um só tempo revelador de informações e detonador de emoções” (Kossoy, 1989, p. 16), já que as fotografias favorecem a compreensão dos leitores, quando contextualizadas⁸. Nesse caso, ela demonstra a singeleza do prédio, em estilo “rústico”, construído por um dos filhos do ex-combatente, cujo ofício de pedreiro aprendera com o pai. Encontra-se localizado no pátio da residência na cidade de Lavras (MG), todo arborizado e devidamente cuidado pelos familiares.

Figura 1 – Memorial Capitão Bento Rezende da Silva



Fonte: Acervo do autor

REGISTROS COM BASE NAS MEMÓRIAS DE INFÂNCIA

Não sabemos ao certo quando Bento Rezende da Silva colocou as suas memórias no papel. Nos manuscritos, há poucos registros de datas. As folhas avulsas, ao que nos parece, foram redigidas em momentos e circunstâncias diversas, como veremos adiante.

Em escritos avulsos, encontramos um registro referente ao ano de 1922, quando ele tinha apenas 3 anos de idade. Um acidente provocado por ele ficou gravado nas paredes de sua memória de menino. Interpretando o texto, nota-se que ele se sentira responsável pela “miséria” pela qual passou a família em virtude do acontecido. Lembrou-se da pessoa que o salvou – e mais: do gesto generoso de um ex-escravizado que construiu

⁶ Sobre essa questão, ver Burke (1992).

⁷ Sobre os lugares de memória, ver Nora (1993).

⁸ Sobre a relação entre fotografia e história, ver Kossoy (1989) e Paiva (2006).

um móvel que se encontra guardado no referido memorial e que no passado, quando aprendiz de sapateiro, lhe serviu como assento. A propósito, o título do registro por ele feito é “Recordando um passado que se afasta no tempo”:

Nasci no lugar chamado Água Quente, no sítio do Senhor João Botelho, mais conhecido por Juca Rosa. Toda a região dividia em diversos sítios chamada de Formiga, próxima da estação do Cervo da estrada de ferro Rede Sul Mineira, que segue para o Estado de São Paulo.

Meu pai deixou o sítio de Juca Rosa e foi morar nas terras do grande daquela região, o senhor Antônio Reis. Contando três anos de idade, lembro-me de tudo acontecido naquele tempo: nossa casa no Mato Dentro era de parede barreada e coberta de capim sapé. Numa tarde foi por mim incendiada reduzindo tudo à cinza e conseqüentemente sobrevivendo grande miséria.

A residência de vizinhos era distante, na virada do Morro. No momento do incêndio, o senhor Dé Mariquinha, um camarada da fazenda que campeava nas imediações, veio correndo e ajudou a acudir parte dos objetos existentes na casa. Meu pai viu-se reduzido à miséria por algum tempo.

Num domingo, um velhinho baixinho, corcunda, conhecido por tio “Justino Cacunda” trouxe-lhe um banquinho tosco, mal-acabado de dois pés de madeira quadrado e dois de madeira roliça, o qual tenho guardado até o dia de hoje. Pouco tempo após fomos morar no lugar vizinho do “Mato Dentro” chamado Água Quente, de propriedade do fazendeiro, senhor Evaristo de Carvalho. Ali, para a nossa família a vida melhorou, porque meu pai cuidava duma partida do gado do fazendeiro, plantava cereais, criava galinha e porco, tendo somente a desvantagem da distância da cidade. Contra a vontade do patrão, meu pai resolveu mudar para a cidade (Memorial Bento Rezende da Silva, s.d.).

A memória remete aos detalhes da banquetta artesanal construída por Justino Cacunda: com pernas irregulares, duas redondas e duas quadradas. A referida banquetta foi para ele um suporte material da memória, conforme as reflexões de Henri Bergson (1999).

Figura 2 – Banqueta artesanal construída por Justino Cacunda



Fonte: Foto do acervo do Memorial Bento Rezende da Silva, produzida pelo autor

Um fragmento do cotidiano da família foi descrito com detalhes pelo então Bentinho, como era conhecido pelos amigos de infância e mesmo de caserna, conforme se depreende de uma carta remetida pelo companheiro de farda Sebastião Coelho Leão, o qual já se encontrava na cidade do Recife, em direção ao *front*, em abril de 1942. Voltamos a frisar que não sabemos em que ano nosso protagonista tirou essas lembranças da cabeça e as registrou em papéis avulsos. Uma coisa, porém, é certa: já era adulto e revisitava o passado pelas memórias da infância. Segundo Maurice Halbwachs (2004, p. 66):

Desde que a criança ultrapasse a etapa puramente sensitiva, desde que ela se interessa pela significação das imagens e dos quadros que percebe, podemos dizer que ela pensa em comum com os outros, e que seu pensamento se divide entre o conjunto das impressões todas pessoais e diversas correntes de pensamento coletivo.

Nosso protagonista registrou o sinistro por ele provocado aos 3 anos de idade ao tentar eliminar marimbondos que se alojavam na residência. Ele também escreveu que, aos 7 anos, houve a mudança da residência, episódio que revela um fragmento da situação das famílias afrodescendentes no período pós-abolição:

Meu pai, Deolindo Modesto da Silva, residente em Água Quente, na fazenda do senhor Evaristo de Carvalho, viu a necessidade de mudar-se com a família para as imediações da cidade, considerando que nós, os filhos, eu e Inha (Mariinha) já estávamos na idade de entrar para a escola.

Contrariando o patrão, providenciou a mudança para as dependências da fazenda do senhor Julio Fonseca, no Pasto Fechado, pouco distante do centro urbano. Numa segunda feira do mês de maio, à tarde, partimos da Água Quente e fomos pernoitar na Serra, na casa do amigo senhor João Mariquinha. No dia seguinte pela manhã, iniciamos a viagem a pé, sem perder de vista os dois carros de bois que transportavam os pertences de meu pai e de sua irmã Prudência, viúva, sem recursos e com seis filhos menores. Mais ou menos às onze horas, paramos para o almoço no lugar denominado Pau de Óleo. Após breve descanso, reiniciamos a caminhada; às três da tarde avistamos a cidade com grande alegria de nós crianças. Era um belo dia ensolarado que deixou-nos imorredoura lembrança, porque marcou a brusca mudança de ambiente: do isolamento da roça para a vida suburbana sempre movimentada.

Chegamos no bairro Aqueita Sol e para a casa da Tia Esméria, irmã de meu pai. A prima Antônia levou-nos até a casa que seria a nossa nova residência, na propriedade do senhor Júlio Fonseca, cuja fazenda achava-se a dois quilômetros da cidade. Era um casarão do século XVIII, de alicerce alto, todo de pedras, trabalhado com arte pelos antigos e exímios mestres.

Em constante movimento, no terreiro semelhante a um campo de futebol, camaradas trabalhavam na secagem do café, que carreiros descarregavam dos carros de bois. Na tulha ao lado, mulheres e moças faziam a destalagem de folhas de fumo e em seguida o enrolamento. No fundo do pomar, movido pela água do grande açude centenário, funcionava moderníssimo maquinário moendo mandioca brava para produção de polvilho que seria exportado em grande escala.

No cafezal, as apanhadeiras fervilhavam, na apanha do café, a maioria vindas da cidade, para regressarem à tarde. Também a colheita do fumo se dava na mesma época da apanha de café, aumentando a faina dos camaradas da fazenda.

No curral os retireiros tiravam leite das vacas, os encarregados da pocilga cuidavam dos porcos e dos galinheiros com galinhas de qualidades diversas raças, perus e galinhas da Angola [...] (Memorial Bento Rezende da Silva, s.d.).

Como se deduz do fragmento dos manuscritos de Bento Rezende da Silva transcrito anteriormente, um dos motivos da mudança do meio rural para as proximidades da cidade foi o desejo de os filhos cursarem o ensino regular. Segundo eles, o pai sempre dizia que “queria ver todos os onze filhos doutores com anel no dedo”.

Tudo indica que ele foi um bom aluno. Isso não é apenas suposição, pois, às vésperas de terminar os estudos básicos no Curso Rural (na época, o 5.º ano), ele registrou em um dos seus cadernos:

Tudo Passa.

Neste momento sinto-me imóvel, com o pensamento n’aquilo que já se vai longe. Recordo-me com saudade, os tempos que eu estava no Curso Rural, rodeado de amigos e colegas amáveis, professora carinhosa e sala de aula muito alegre, fazia-me estudar com gosto. Tudo passou... Para o ano que vem serei professor, mas nunca esquecerei d’aquele tempo (Memorial Bento Rezende da Silva, s.d.).

Por essa época, Bento Rezende da Silva tinha por volta de 16 anos de idade. Se assim for, deve ter entrado com atraso na escola, mas com bom aproveitamento, tanto é que já estava contratado para ser professor, conforme o registro:

Termo de Instalação.

No dia primeiro de fevereiro de 1935, nesta cidade de Lavras, Estado de Minas Gerais, presentes a diretora da Escola Infantil, o Inspetor Escolar e o professor Bento Rezende, instalaram-se as aulas da Escola Infantil com a presença de cento e quatro alunos das cento e cinquenta matriculadas na Escola.

Para constar lavrou-se o presente termo, que eu, Bento Rezende, professor da Escola assino com o Inspetor Escolar (Silva, 2010, p. 201).

ASPECTOS DA VIDA MILITAR COM BASE NAS MEMÓRIAS E NAS CARTAS

Não temos informações precisas sobre o ingresso de Bento Rezende da Silva no Exército brasileiro. Acreditamos ter se dado entre 1936 e 1940, porque em 1935 ele era professor da Escola Infantil, como visto anteriormente. Além disso, as cartas remetidas e/ou recebidas a que tivemos acesso são referentes a acontecimentos que se deram a partir do ano de 1940. Mesmo nos seus manuscritos, não encontramos registro sobre seu ingresso na carreira militar, mas deparamos com alguns fragmentos do cotidiano da vida na caserna, quando o espectro do nazifascismo já rondava a Europa. Não muito longe de Bento Rezende, uma versão tupiniquim do nazifascismo se fazia presente no denominado Estado Novo do então presidente “caudilho” Getúlio Vargas.

Bento Rezende ingressou no 11.º Batalhão de Infantaria de Montanha Regimento Tiradentes, localizado no município de São João del-Rei, no estado de Minas Gerais. No clima de beligerância advindo dos países do Eixo, o contingente de militares oriundos de diversas regiões do estado cresceu e mudou a rotina da cidade. Bento, que seguia a carreira militar, registrou o impacto da presença desses “visitantes”:

Desde o fim das manobras de outubro de 1943, o nosso Regimento esperava passar a expedicionário, o que veio a dar-se poucos dias depois. Daí por diante, acabou-se aquela nossa vida folgada, que até então levávamos, acostumados com asperezas, próprias do militarismo.

Chegou em São João del-Rei, um numeroso contingente procedente do 12.º Regimento de Infantaria, e logo em seguida outro do 10.º, elevando o efetivo do 11.º Regimento de Infantaria a três mil e tantos homens.

Esses contingentes continham grande número de soldados maus elementos, sem cultura e de má origem; chegaram fazendo alarido, embriagados e com más intenções, pensando que se vingariam das autoridades que os transferiram para um corpo expedicionário.

Uma multidão de civis apreciava a chegada dos soldados, na praça da estação, apesar das piadas que eles soltavam, bastantes para produzirem más impressões aos espectadores.

Foram péssimas as precauções do comando do 11.º R. I.: O quartel não comportava, sem sobrar lugar vago, o seu efetivo; para ficar com efetivo triplicado, não foi providenciada coisa alguma. Resultado: armaram acampamentos nos arredores, em lugares úmidos! As lonas das barracas eram novas e varavam, para bem dizer, até gotas de sereno. Em consequência disso, os soldados recém-chegados, e até mesmo sargentos, começaram a fazer desordem pela cidade, atacando botequins e insultando os civis que nada tinham com a vida militar. De combinação com a polícia foi proibido vender cachaça para soldados do Exército; mas os pobres negociantes não sabiam como fazer, se vendessem pagariam uma grande multa; se não vendessem, aquela turma de soldados insubordinados ameaçavam quebrar todo o botequim ou venda.

Num certo sábado, a 6.ª Cia. foi escalada para dar o serviço de guarnição, um pelotão fazia o serviço de patrulha da cidade. Cada grupo de combate era comandado pelo sargento e rondava em uma parte da cidade. Eu, Nelson e Cabral éramos comandantes de grupos; sargento Marques era o auxiliar do capitão Salustiano Dias, comandante do pelotão de patrulha. Apesar do ambiente desagradável, passamos o resto do sábado e a manhã de domingo, sem barulho, a não ser pequenas alterações provenientes de bebidas alcoólicas. Na rua da fábrica, três rapazes, um deles de dentro do balcão, discutiam com o dono de um botequim, porque este não queria vender-lhes cachaça. Chegamos a tempo e salvamos o negociante que já sentia-se todo atrapalhado, com medo de agressão daqueles bandidos fantasiados de soldados. Os meus comandados estavam loucos para dar pancadas, mas não o fizeram por causa da minha calma que só seria eliminada em caso muito grave.

Durante o dia, na Avenida Rui Barbosa, um 3.º Sargento moreno e de bom corpo, cujo nome nunca tive curiosidade de saber, acompanhado de uma turma de beberrões, disse uma meia dúzia de desaforos a mim e ao Nelson. Tempos depois, quando tudo já estava normal, sempre olhei com maus olhos, esse sargento.

No domingo, às onze horas, quando esperávamos o pelotão que nos ia substituir, um rapaz em estado lamentável, quebrava o frágil balcão de um pobre coitado, na rua do barulho. Corremos para lá. O capitão Dias levou o revólver ao peito do indivíduo ao mesmo tempo em que eu resolvi dar uns boleões naqueles bandidos soldados que já aglomeravam brigar com a patrulha. De qualquer maneira o miserável foi para a cadeia. Atirado às brutas na prisão cheia de cal, porque estava sendo retocada, o sujeito não ficava de pé, quando tentava erguer-se. Os movimentos eram iguais ao de um cachorro das pernas desgovernadas. Nunca foi-me possível esquecer de tamanho ridículo! Passados alguns dias, tudo normalizou-se: o povo acostumou-se com os soldados, e estes com o povo (Memorial Bento Rezende da Silva, s.d.).

Por meio das correspondências recebidas e expedidas, foi possível acompanhar os passos de Bento Rezende da Silva antes de atravessar o Atlântico. Numa carta endereçada à mãe, em janeiro de 1944, contou sobre a movimentação na cidade, praticamente repetindo o que ele escrevera nas folhas avulsas, rememorando aspectos da sua antiga vida. Ele, ao que nos parece, acostumado com o dia a dia disciplinado, embora difícil, da caserna, fazia seu juízo de valor sobre os que chegavam de diversas regiões do Brasil, todos eles cientes de que, mais dia, menos dia, embarcariam no Rio de Janeiro em direção à Itália. Posteriormente, quando na cidade carioca, enviou um cartão-postal para a então namorada, Rosa Madalena da Silva, descrevendo a cidade. Já em uma carta recebida de um companheiro de farda que se encontrava no Recife, foi possível identificar as tensões entre oficiais e recrutas dentro da caserna:

Amigo Bento, bom dia! Como vai?

Bento, vos escrevo aqui do 30 B.C. dando mais ou menos o que já notei do dia 19 que chegamos aqui. Está em organização, todos aqui são recrutas. O lugar não é tão ruim, o pessoal também são camaradas. Só assim, a vida é bem cara, tudo aqui é duplo no preço daí. Estamos desarranchados, mas a boia leva o que a gente ganha.

Vamos para F. Noronha nos primeiros dias de abril. Vocês já foram promovidos? Aqui há muita falta de sargentos. O Coelho só espera chegar as guias de alteração para ele ser promovido, e vai ser sargento enfermeiro. Está sendo cabo enfermeiro. Os poucos sargentos que tem, são todos recrutas.

Vamos para F. Noronha enfrentar a maior guarnição e com a pior tropa, é uma recrutada, a mesma que daí; **se formos agredidos, nós graduados que vamos enfrentar quase que sozinhos**. A ameaça [rasura] pronta, o dia vai chegando. Você compreenda que [rasura] dá duas voltas por dia, já vamos vencer em F. de Noronha, duas etapas e mais 40%. Com a soma das etapas e soldo e gratificação, [fica] mais ou menos 450\$000 por mês.

Aqui em Recife tem o 14 R.I., o 30 B.I., 31 B.C. Duas peças de artilharia pesada, a cavalaria, duas companhias do Q.G. e o 31 B.C., mas a falta de cabos e sargentos é demais. Vai haver um curso de sargentos, mas assim um curso imediato. No prazo de 27 dias sai sargentos.

Você já recebeu alguma carta minha que veio de casa? Se recebeu, faça o obséquio de enviar-me. O meu endereço: 30 B.C. F. Noronha, - digo- ,30 B.C., 1ª. Cia. – Cabo 452 Z Passos – Fernando N. (Memorial Bento Rezende da Silva, 28 mar. 1942, grifo nosso).

Bento Rezende da Silva era o único filho do sexo masculino de Deolindo Modesto da Silva e Eugênia Leocárdio da Silva. Além dele, o casal tinha sua irmã mais velha, Maria Eugênia, e a filha mais nova, adotiva, Arlete.

O pai de Bento falecera quando ele estava no Rio de Janeiro, às vésperas de embarcar para a Itália. A maioria das cartas encontradas foi endereçada à mãe, inclusive as remetidas da Itália.

NA ITÁLIA

O primeiro escalão da Força Expedicionária Brasileira (FEB) desembarcou em Nápoles no dia 16 de julho de 1944. Ao que parece, Bento Rezende não estava nesse contingente, pois em 30 de agosto do mesmo ano escrevera uma carta do Rio de Janeiro para sua mãe, dizendo que estavam de saída para Recife.

A primeira carta enviada da Itália para sua mãe que encontramos foi do dia 3 de novembro de 1944, mas é bem provável que não seja de fato a primeira, porque nesta ele revelava que escrevia todas as semanas – razão da "economia de assuntos" –, mas que estava bem de saúde, sendo maltratado apenas pela saudade:

Escrevendo-lhe a todas as semanas, não tenho mais nada a dizer-lhe, senão a notícia de que vou bem de saúde. Não pensava de dar-me tão bem no clima da Itália: ainda não senti cousa alguma desde que chegamos. Somente estou assaltado de saudade sem cura; o meu pior martírio é de saber que entre nós existe um mar imenso para transpor, mas ainda vivo cheio de esperanças e confiante no futuro. Tenho assistido missas nas igrejas daqui, e nas minhas orações peço a Deus que lhe olhe, para cuidar das meninas. De vez em quando,

sonho com todos daí, felizmente só sonhos bons e confortadores. Mas nada me vale, se não estou recebendo notícias daí. Enfim, continuo esperando! Estarei sempre escrevendo.
Pede-lhe uma benção o filho que lhe estima.

Bento R. Silva
(Memorial Bento Rezende da Silva, 3 nov. 1944).

Bento Rezende e os companheiros passaram o Natal de 1945 entre a neve e as possibilidades de combate, mas isso não os impediu de fazer uma pequena confraternização, como veremos adiante em manuscritos que revelam suas memórias. Bento também não deixou de escrever para a mãe. Aliás, das cartas manuseadas no memorial, foi a senhora Eugênia Leocárdio quem mais cartas recebeu do filho. Pois bem, num dos momentos do dia em que a cristandade celebra o nascimento do seu maior protagonista, o sargento Bento escreveu:

Itália, 25 de dezembro de 1944

Minha boa mamãe.

Saudosas recordações!

Muito longe de vós, não posso ser feliz. Por diversas vezes aparecem em meus lábios um sorriso falso, mas o coração está sempre mergulhado na saudade. O meu cérebro não descansa por um só momento. Durante o dia, enquanto os olhos contemplam as montanhas distantes e cobertas de neve, o pensamento poderosamente descreve sua trajetória sobre o mar, e vai pousar como um corisco sobre essa boa Lavras, tão bela e florescente. Muito breve, se Deus quiser, eu farei a trajetória sobre o mar, para ir cair-me em vossos carinhos braços e nunca mais sair. Vós precisais da minha companhia e eu quero estar junto de vós.

Tenho mandado a vós, muitas cartas e tenho recebido poucas. Já mandei-vos muito dinheiro pelo Banco do Brasil. Foram 400 cruzeiros em princípio de novembro e 200 cruzeiros em princípio de dezembro. Se ainda não os recebestes, ainda os receberéis.

Votos de saúde e felicidade à Inha e Arlete, muita lembrança à Nolcana com a família.

Queira abençoar o filho que lhe ama,

B. Rezende da Silva
(Memorial Bento Rezende da Silva, 25 dez. 1944).

Em outra missiva, datada de 4 de janeiro de 1945, descreve um pouco dos lugares que conheceu, manifesta saudade dos familiares, inclusive da namorada Rosa, que era *persona non grata* pela futura sogra, segundo os filhos, por razões que desconhecemos:

Continuo viajando pela Itália afora e já a conheço melhor que muitos italianos. A linguagem é fácil de se aprender, e acho que até quando voltar falarei mais ou menos o italiano.

Desde que chegamos, já conheço Nápoles, Livorno, Pisa e muitos arraiais pequenos. Toda a Itália é uma cidade, porque de légua em légua é um povoado. Só o que já vi de interessante é a torre torta da Igreja de Pisa, do que já tinha ouvido falar há muitos anos. É muito alta e muito torta. Terei alguma coisa a contar quando voltar. Só o que mais desejo é lembrar-vos de que sinto saudades

da Rosa, tanto como de qualquer pessoa da família.
Queira abençoar vosso filho saudoso.

B. Rezende da Silva
(Memorial Bento Rezende da Silva, 4 jan. 1945).

O dia a dia do enfrentamento com os nazifascistas não foi revelado nas cartas, ou, se foi, a censura não o poupou. Segundo Rosa Madalena, em algumas cartas que recebera havia palavras cortadas com gilete. Encontramos alguns envelopes com os carimbos da censura, ou seja, indicando que haviam passado por ela.

As memórias do capitão Bento Rezende da Silva, entretanto, que à época ainda era sargento, reconstruíram o cenário da beligerância. Em algum momento de sua vida, Bento Rezende achou por bem sistematizar suas lembranças dos dias passados no *front*. Antes de refazer as reminiscências da Itália, elaborou um roteiro com os temas: “A chegada em Nápoles, viagem para Livorno e Pisa, treinamento em Tirol, na linha de frente em Guanella, descanso em Sila, de novo para a linha de frente em Bombiana, a queda de Monte Castelo, em Abetaia, e no hospital em Pistoia, no hospital de Livorno, meu regresso ao *front*, patrulha em Borde e meu desastre, de novo para os hospitais de Pistoia e Livorno, viagem de Livorno para Nápoles, em Nápoles e o fim da guerra, adeus Itália, viagem de regresso ao Brasil, em Natal e em Recife, viagem para o Rio de Janeiro, e na M. C. E. do Rio de Janeiro”.

Em um dos papéis avulsos há o registro de algumas cidades por onde as tropas devem ter passado e uma anotação que, em nossa opinião, revela o sentimento do sargento – ou seja, aquele que tem a função de liderar e supervisionar soldados, além de auxiliar no comando de pelotões: “Tenho temperado tinta de tempo em tempo e toda tarefa tem sido terrível transtorno de terror. A tampa da taxa é temperada” (Memorial Bento Rezende da Silva, s.d.). Em nossa opinião, trata-se de uma versão da frase que se popularizou no Brasil à época da Segunda Guerra e que identificou os dias de guerra na voz dos ex-combatentes: “A cobra vai fumar!”.

Os filhos de Bento Rezende da Silva disseram-nos que era uma das frases prediletas do pai quando diante de uma tarefa difícil a ser resolvida, razão pela qual um deles a grafitou numa das paredes do lado de dentro do memorial (figura 3).

Figura 3 – Frase pintada em parede do memorial



Fonte: Fotografia do autor

Nos manuscritos que narram o cotidiano do combate, diálogos entre os comandantes e comandados, bem como entre os companheiros, foram reconstruídos com detalhes de um autêntico narrador, conforme caracterizado por Walter Benjamin (1994). Nesse sentido, Bento Rezende não só lembrou os acontecimentos, como os refez. Para citar Marilena Chauí (1987, p. XX): “Lembrar não é reviver, mas é refazer, é reflexão, compreensão do agora a partir do outrora; é sentimento, reaparição do feito e do ido, não sua mera repetição”.

A descrição do primeiro combate, do dia 4 de dezembro de 1944, elaborada por Bento Rezende, é extensa, mas é importante transcrever um diálogo entre ele e seu superior, o que podemos chamar de “diálogo de trincheiras”:

[...] Em chegando no ponto final, vimos metralhadoras e fuzis-metralhadoras nas posições cavadas nos barrancos, próximas de uma grande casa, com as perigosas bocas voltadas para os lados do inimigo, à espera de um momento propício para dar provas das extraordinárias capacidades.

O sargento comandante do grupo de combate que ali estava empenhado disse-me:

– Olá, colega, então é você o comandante desse grupo?

Respondi-lhe:

– Sim, sou eu, e pronto para receber o seu serviço!

Então ele começou a explicar-me:

– O inimigo está dominando todos os montes aqui defronte. Aquele é o Monte Castelo, que é perigosíssimo! É crivado de casamatas alemãs! Você põe dois homens em posição e o resto do grupo descansa dentro da casa, deixem para dormir durante o dia, porque o inimigo só vem à noite e nunca de dia. Não saiam da casa durante o dia de maneira nenhuma, para não ser revelada a posição aqui. Logo que amanhecer retire todas as armas e mantenha só um vigia a observar pela fresta da janela. O enquadramento é o seguinte: à esquerda, um grupo do pelotão aqui do lado de baixo da casa, e à direita, lá em Guanela está outro pelotão [...] (Memorial Bento Rezende da Silva, 4 dez. 1944).

Há descrições de outras batalhas. Escolhemos transcrever fragmentos da memorável Batalha de Monte Castelo, na qual João Esmério, primo de Bento Rezende, quase teve a vida ceifada por um projétil, fato que lhe provocou neurose para o resto da vida, segundo Bento. Sabemos que os dois não estavam no mesmo pelotão. Pelo que se depreende de sua narrativa, Bento não foi “testemunha ocular”. Deve ter ouvido o episódio do próprio primo ou de algum outro colega combatente:

A 12 de dezembro deu-se o terceiro ataque ao invencível Monte Castello, sendo que os 2 primeiros foram sem êxito; por isso os alemães bem abrigados pouco se preocupavam, e sentiam até prazenteiros. Com o desenrolar dos acontecimentos. Os pelotões que avançavam contra as posições do vilarejo de Abetaia, viram-se detidos num terreno plano, sem obstáculos e sem abrigos. Os alemães concentraram ali maior potência de fogo matando dezenas de brasileiros. O grupo de João Esmério aproveitou a depressão do leito de um regato com águas geladas, sem poder dar passos à frente; perto dele, extraviado, achava-se Edgar Cunha, outro lavrense, seu companheiro de outros tempos, agora juntos contando os minutos. Eram seis horas da manhã, com a temperatura fria do ar, estavam molhados até o pescoço.

As balas das metralhadoras alemãs formavam uma rede de fogo sobre aquele terreno plano ao pé do Monte Castello. João Esmério levantou a cabeça a fim de ver à frente; foi o bastante para que uma bala alvejasse o alto do seu capacete, o qual subindo alguns centímetros, caiu de novo no lugar com dois

furos na frente e outros dois atrás. À noite com o máximo cuidado conseguiram a retirada com muitas baixas em suas fileiras. Os alemães jubilosos, sentiram-se mais animados, sempre fazendo referências ao combate de Abetaia, quando atiravam folhetos sobre as linhas brasileiras.

Para João Esmério começou a neurose que o acompanhou até o fim de sua vida. Contudo, continuou na linha de frente sempre tomando parte nas patrulhas noturnas que resultavam em duras refregas. Em 14 de abril de 1945 estava ele no terrível combate de Monteze, progredindo em terreno todo minado, onde durante três dias caía uma bomba de canhão por minuto. Em 9 de maio, ao terminar a guerra, todos os combatentes pensavam que haviam despertado de um sonho com terríveis pesadelos⁹. Dos neuróticos, ele era um dos piores, sobretudo quando abusava da bebida alcoólica (Memorial Bento Rezende da Silva, s.d.).

Identificamos alguns dos contextos em que Bento Rezende da Silva resolveu colocar no papel suas memórias, quando encontramos uma sequência de folhas avulsas numeradas, frente e verso, de 1 a 8, indicando que parte de suas recordações foi escrita em solo italiano, na Argélia, no Marrocos e quando estava no hospital militar, na cidade do Recife, em 1945. Nesse sentido, as lembranças ainda estavam “frescas”, tendo sido escritas no “calor dos acontecimentos”. E mais: no hospital, ele teve tempo suficiente para revisitar os pormenores dos terríveis dias no *front*. Nas folhas 1 e 2 há uma espécie de diário em que ele descreveu até mesmo as dores que sentia em virtude do tiro que lhe custara uma costela:

Itália, Nápoles, 30-5-1945.

Hoje será o dia da nossa despedida da Itália, depois de muitos meses de sofrimento. Às 6:30 da manhã fomos para o rancho e logo que voltamos à enfermaria, as ambulâncias chegaram e fomos transportados para o aeroporto. Às 8:50 o avião bimotor decolava.

Oran, 30-05-1945

Chegamos em Oran 2:30 da tarde. Almoçamos, e às 3:15 partimos.

Marrocos – Casa Blanca, 30-5-1945

Chegamos em Casa Blanca às 17:30 da tarde, pela hora da Itália. Andamos de ambulância, do aeroporto até o hospital americano; pelo caminho começamos a observar o aspecto da cidade e o costume dos habitantes.

Marrocos – Casa Blanca, 31-5-1945

Dormi bem esta noite. De vez em quando tinha um sonho esquisito, devido a dor na costela que não cessava. Levantei-me, fui ao lavatório e só achei água quente. Recebi a refeição da manhã na mesinha junto à cama.

Quero conhecer a cidade e não posso, saí ao jardim e olhei os marroquinos que trabalhavam. Agora à noite assistimos o cinema aqui na enfermaria. A enfermeira americana apagou as luzes porque está na hora do silêncio (Memorial Bento Rezende da Silva, 1945).

Recém-desembarcado na cidade do Recife, num leito do hospital militar, Bento Rezende relembrou o Natal que havia passado no “Teatro de Operações” da Itália. É possível sentir a emoção nas linhas traçadas por ele “no leito confortável do hospital”, para usar suas próprias palavras. Ele registrou uma descrição detalhada do cenário nada

⁹ Sobre a participação dos brasileiros na Segunda Guerra, ver Ferraz (2005).

romântico de quem viveu os dissabores do inverno italiano nas trincheiras geladas, úmidas e insalubres, conforme algumas descrições que remontam ao conflito bélico anterior, a Primeira Grande Guerra¹⁰. É possível que tal escrito tenha sido feito nos primeiros dias de junho de 1945, pois em 30 de maio ele embarcara num bimotor em Nápoles, como descrito anteriormente. Na foto a seguir, no hospital militar do Recife, ele é o primeiro sentado, da esquerda para a direita.

Figura 4 – Combatentes brasileiros em hospital militar do Recife



Fonte: Acervo iconográfico do Memorial Bento Rezende da Silva

Embora Bento Rezende tenha escrito que só um poeta seria capaz de retratar a paisagem da Itália, sua redação não deixa nada a desejar:

Deste leito confortável do Hospital Militar de Recife, fico a recordar o passado e meus pensamentos [rasura], lembro-me da velha Itália tão distante, inesquecível, incapaz de me fazer saudade, mas também incapaz de tornar-se esquecível para mim e a todos que lá estiveram.

Agora passa-me pela caixola o dia de Natal de 1944. Lembro-me do dia de Natal, que, como se sabe, é festa em todos os lares. Estávamos na linha avançada, em Cá Aspiagia pouco a esquerda de Guanela¹¹. Durante a noite caiu muita neve, de dia é que se podia observar as casas com as paredes escuras, o telhado coberto de espessa camada daquela massa alvíssima. Ali, um poeta poderia dar campo aos olhos, e, vendo todo aquele mundo coberto de um branco tão

¹⁰ Sobre algumas dessas descrições, ver Vicent (1992).

¹¹ Aspiagia está localizada na província de Ancona, na costa leste da Itália.

belo, esqueceria do Monte Castelo que se achava defronte, também fantasiado, mas guardando traiçoeiramente poderosas bocas de fogo do inimigo bárbaro. Havia cessado o fogo de artilharia, e o silêncio reinava em toda a frente. O tenente mandou que os sargentos, pelo telefone, fizessem reunir no seu P.C. todos os soldados que não estivessem na posição. Pressurosos vieram todos cumprimentar o comandante do pelotão, no P.C., que era a casa do hospitaleiro Gandolfi Antônio. Então disse o bom tenente: "– Neste dia de festa universal [rasura] me com falsos sorrisos, vamos dar graças a Nosso Senhor, porque até agora somente lamentamos a morte de dois dos nossos melhores companheiros. Poderia ter disso muito pior. Vamos trocar abraços, porque longe da pátria, e de nossos lares, constituímos uma família, de que eu, sou o irmão mais velho. Tenho aqui uns doces que a minha esposa mandou-me. Darei um a cada um de vocês, um desses doces, e diremos que [foi] mandado pela família de vocês. Se eu estivesse junto dos meus, como sempre, a festa seria cheia de alegria. A minha família. A minha filhinha..." O tenente não continuou a falar, porque começou a soluçar. Todos nós tivemos os olhos cheios d'água.

No mesmo instante, recebemos aviso de que nossos vizinhos iam experimentar as metralhadoras, dando algumas rajadas para os lados do inimigo. Iniciada a experiência, todos rimos ao ver que os alemães responderam a esmo, com poderosa barragem de morteiros. Assim, entre lágrimas e sorrisos passamos aquela vida de sacrifícios, satisfeitos por sabermos que estávamos cumprindo um dever. Tudo passou. Hoje, aqui em Pernambuco, no convívio desse povo tão hospitaleiro e patriota, agradecemos sinceramente a amabilidade com que fomos tratados (Memorial Bento Rezende da Silva, s.d.).

Nas trincheiras: entre combates e pilhérias

Não temos informações do contexto em que Bento Rezende da Silva escreveu suas lembranças de guerra em um texto manuscrito de duas laudas, frente e verso, intitulado "Memórias de um ex-combatente". Nele, descreve, entre outras coisas, um combate em fevereiro de 1945, na região de Bombiana:

Eram mais ou menos sete horas da manhã do dia 20 de fevereiro de 1945. A uns dois mil metros à nossa esquerda, um tiro de arma sinalizadora partido do posto de comando da 10.^a Divisão de Montanha Americana, projetou para bem alto uma pequena bomba, que se tornou numa lenta estrela vermelha. Era o sinal para o início das hostilidades. O ambiente transformou-se, para muitos chegou o fim da guerra. A artilharia à nossa retaguarda, até então silenciosa, entrou em ação, com um bombardeio de grandes proporções nunca visto naquela frente. Os tiros certos punham em desalinho os [rasura] que guarneciam as linhas dos morros fronteiros. As bombas ecoavam nas quebradas dos Alpeninos, produzindo efeito duplo na moral dos combatentes. Do Monte Belvedere, os americanos avançavam em avalanche sobre o Monte Gorgolesco, onde os alemães, apesar da surpresa, reagiram de maneira espantosa. Não desejavam ceder terreno. O combate tornou-se terrível. O Inácio olhando pelo binóculo disse-me:

– Sargento, olha como vai a luta naquele morro. Estão lutando à baioneta! Tomei-lhe o binóculo e pude ver o quadro sinistro: em meio à fuzilaria e rajadas de metralhadoras, alguns grupos lutava corpo a corpo [sic]. As falanges americanas avançavam e depois recuavam diante da pressão contrária (Memorial Bento Rezende da Silva, s.d.).

Na sequência do manuscrito, o sargento Bento Rezende continuou descrevendo aquele que foi um dos muitos sangrentos combates travados no “Teatro de Operações da Itália”. Para levantar a moral, alguns combatentes buscaram a pilhéria diante do clima tenso de incertezas. Entendemos essas atitudes como uma das estratégias para tentar “dominar” a psique, num contexto similar ao registrado por um combatente na Primeira Guerra Mundial, também travada no Velho Continente:

[...] O campo de batalha é terrível. Há um cheiro azedo, pesado e penetrante de cadáveres. Homens que foram mortos no último outubro estão meio afundados no pântano e nos campos de nabos em crescimento. As pernas de um soldado inglês, ainda envoltas em polainas, irrompem de uma trincheira, o corpo está empilhado com outros; um soldado apoia o seu rifle sobre eles. Um pequeno veio de água corre através da trincheira, e todo mundo usa a água para beber e se lavar, é a única água disponível [...] (Binding, 1994, p. 119).

O sargento Bento Rezende da Silva descreveu um diálogo que se passou ao seu lado, dentro da trincheira, entre os companheiros de farda:

[...] O soldado Nunes, extremamente nervoso disse: “– Esta é a maior brutalidade que a humanidade ousa praticar. Isto é obra da perversidade humana. Esta terrível hecatombe!”

Disse o Vitorino com as pilhérias de sempre: “– Hecatombe veremos daqui a algumas horas, quando a cobra fumar para o nosso lado. Amanhã a esta hora, muitos entre nós estarão tomando café com São Pedro! Será o Inácio um deles? Responde Inácio: “– Quem entra na chuva tem que se molhar! Quem sabe se chegamos juntos diante de São Pedro?”

Disse Enoc: “– São Pedro não tem tempo para cafezinho com vocês. Ele anda ocupado 24 horas no dia. Na frente russa morrem borbotões de russos e alemães. Na Ásia, os japoneses morrem como bois no matadouro. Aqui na Itália, é como vocês estão vendo! São Pedro tem tempo para diálogo com vocês? (Memorial Bento Rezende da Silva, s.d.).

Pilhérias à parte, não sabemos quais deles sucumbiram nesse combate, contudo uma coisa é certa: o sargento Bento, durante o tempo em que esteve no “Teatro de Operações da Itália”, foi ferido duas vezes. Uma delas lhe custou uma costela. Segundo contam os familiares, foi resultado de um estilhaço de granada. Sobre os seus ferimentos, quase não encontramos escritos em suas memórias. Talvez ele não os tenha registrado porque a memória tem também os seus ressentimentos, ou talvez tais escritos tenham se extraviado, uma vez que, como já dissemos, muitos foram feitos em papéis avulsos¹². Há, assim, algumas contradições entre os escritos do capitão e o que foi dito pelos familiares acerca dos dois ferimentos que ele sofreu em combate: o primeiro na cabeça, conforme citado anteriormente, e este segundo.

¹² Sobre memória e ressentimentos, ver Bresciani e Naxara (2001).

Figura 5 – Carteira do Exército, do sargento Bento Rezende da Silva (1945)



Fonte: Acervo iconográfico do Memorial Bento Rezende da Silva

MEMORIAL BENTO REZENDE: “LUGAR DE MEMÓRIAS”

Os familiares contaram-nos que, quando vivo, Bento Rezende da Silva, conhecido no bairro Nova Lavras e em toda a cidade de Lavras como capitão Bento, tenente Bento, sargento Bento ou apenas Bento da Nova Lavras, recebia muitas pessoas que queriam ouvir narrativas sobre a Segunda Grande Guerra. Conforme um dos filhos, a esposa Rosa Madalena da Silva contou que, quando se casaram no ano de 1951, era comum, nos finais de semana, pessoas procurarem “o homem que veio da guerra” para ouvi-lo. É verdade que ele não foi o único lavrense que retornou dos combates na Itália, mas devia ser procurado talvez por sua eloquência, por ser um legítimo narrador, na perspectiva de Walter Benjamin (1994). Segundo os mesmos familiares, ele era convidado, assim como outros ex-combatentes, para palestrar para alunos das escolas públicas municipais e estaduais e colégios particulares, sobretudo na ocasião das celebrações do Dia da Vitória, como ficou conhecido o 8 de maio, em decorrência da rendição do nazifascismo na Europa.

Bento Rezende da Silva faleceu em 11 de dezembro de 2007, aos 88 anos. Após a “revelação do seu baú de memórias”, os filhos deliberaram organizar os registros em forma de livro e construir um memorial, um modo de perpetuar a história local por meio das vivências registradas pelo “homem que veio da guerra”, além da cultura material por ele produzida. O prédio singelo foi construído pelas mãos de alguns de seus filhos, que com ele aprenderam diversos ofícios, entre os quais os de carpinteiro, pedreiro e marceneiro, ocupações que exercem quando necessário, visto que cada um tem outra profissão específica.

REFERÊNCIAS

Fontes primárias (manuscritas)

Papéis avulsos do Memorial Bento Rezende da Silva (Rua Dr. Duque da Rocha, n. 91, Nova Lavras, Lavras, MG).

MEMORIAL BENTO REZENDE DA SILVA. **Carta expedida da Itália para a mãe.** 3 nov. 1944.

MEMORIAL BENTO REZENDE DA SILVA. **Carta expedida da Itália para a mãe.** 25 dez. 1944.

MEMORIAL BENTO REZENDE DA SILVA. **Carta expedida da Itália para a mãe.** 4 jan. 1945.

MEMORIAL BENTO REZENDE DA SILVA. **Carta recebida do cabo Zeferino Pereira Passos.** Olinda, 28 mar. 1942.

MEMORIAL BENTO REZENDE DA SILVA. **Descrição do primeiro combate.** 4 dez. 1944.

MEMORIAL BENTO REZENDE DA SILVA. **Folhas numeradas (1 a 8).** 1945.

MEMORIAL BENTO REZENDE DA SILVA. **Manuscritos.** s.d.

Sites

PORTAL DA FORÇA EXPEDICIONÁRIA BRASILEIRA. Disponível em: <https://www.facebook.com/portalfeb>. Acesso em: 6 jan. 2025.

Bibliografia (livros e revistas)

BENJAMIN, Walter. O narrador. *In*: BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas.** São Paulo: Brasiliense, 1994. v. I: Magia e técnica, arte e política.

BERGSON, Henri. **Matéria e memória:** ensaio sobre a relação do corpo com o espírito. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

BINDING, Rudolf Georg. Um fatalista na guerra. *In*: MARQUES, Adhemar; BERUTTI, Flávio; FARIA, Ricardo (org.). **História contemporânea através de textos.** 4. ed. São Paulo: Contexto, 1994. (Textos e Documentos 5).

BRESCIANI, Stella; NAXARA, Márcia (org.). **Memória e (res)sentimento:** indagações sobre uma questão sensível. Campinas: Editora da Unicamp, 2001.

BURKE, Peter. **A Escola dos Annales (1929-1989): A Revolução Francesa da Historiografia**. 2. ed. São Paulo: Editora Unesp, 1992.

CARONE, Edgard. **Revoluções do Brasil Contemporâneo [1922-1938]**. 4. ed. rev. São Paulo: Ática, 1989.

CHAUÍ, Marilena de Souza. Os trabalhos da memória. *In*: BOSI, Ecléa. **Lembranças de velhos**. São Paulo: Edusp, 1987. p. XX.

FERRAZ, Francisco César Alvez. **Os brasileiros na Segunda Guerra Mundial**. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2004.

KOSSOY, Boris. **Fotografia e História**. São Paulo: Ática, 1989.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História**: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História, São Paulo, n. 10, p. 7-28, dez. 1993. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/revph/article/download/12101/8763>. Acesso em: 6 jan. 2025.

PAIVA, Eduardo França. **História & imagem**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

SILVA, Francisco Carlos Teixeira da. Os fascismos. *In*: REIS FILHO, Daniel Aarão; FERREIRA, Jorge; ZENHA, Celeste (org.). **O século XX: o tempo das crises – revoluções, fascismos e guerras**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

SILVA, José Bento Rosa da. **Um filho de Lavras: memórias, vivências e experiências – Capitão Bento Rezende da Silva (1919-2007)**. Itajaí: Casa Aberta, 2010.

VICENT, Gérald. Guerras ditas, guerras silenciadas e o enigma identitário. *In*: ARIÈS, Philippe; DUBY, Georges (org.). **História da vida privada: da Primeira Guerra a nossos dias**. São Paulo: Cia. das Letras, 1992. v. 5, p. 200-231.